

22/1/1932

reporitei.

**Semanário
das grandes reportagens**



LÊD. NESTE NUMERO
Medicina há 4.000 anos—
Pepe não morreu envenenado!—Manicó-
mios clandestinos—
As manobras de Afonso XIII para se
apossar do trono de Portugal,
etc., etc.

PASSAPORTES

Espanha, França, Brasil
e América do Norte

Agentes no norte da

United States Lines

Nicolau Ferraz

R. do Loureiro, 60
Porto Tel. 762

Alegria! Arte!

Bom gosto!

Só na revista

MEXILHÃO

*É esta a grande revista do
ano de 1932, que está fazendo
a sua carreira triunfal no*

Teatro Variedades

*Bõa música, bom desempenho,
espírito, na revista MEXILHÃO*

no

Teatro Variedades

Medicina Dentária Dr. Teixeira Coelho

Membro de várias Sociedades
Científicas do Estrangeiro

DIPLOMADO pela Universidade
de Coimbra e Faculdade de Me-
dicina de Lisboa, Especializado
em Bruxelas. Dignatário de vá-
rias ORDENS. Extração de den-
tes ou raízes, sem dôr, desde
10\$00. Obturações temporárias
desde 10\$00. DENTADURAS
COMPLETAS desde 200\$00.

PREÇOS MAIS BARATOS
QUE NAS POLICLÍNICAS

ESPECIALIDADE EM DEN-
TADURAS INQUEBRÁVEIS

Calçada do Jogo da Pela, 4
(esquina da Rua do Socorro, em frente
da Rua da Palma).

CONSULTAS GRÁTIS AOS POBRES.
EXTRACÇÕES DESDE ESCUDOS 2\$50

A AZA DA SORTE E BRIO NOS MIOLOS

Sucesso tem toda a gente que aproveita os modos modernos e científicos na sua vida. Consulte a Casa REMINGTON, cujos especialistas estão prontos a toda a hora a colocarem a sua sabedoria e experiência às ordens de V. Ex.^a para a melhor marcha dos seus negócios.

Família "REMINGTON" às ordens do público:

PARA CONTABILIDADE
"Remington" 21 e 23
Que escreve soma e confere facturas

PARA ESCRITÓRIO
"REMINGTON" 12, 31 e 92
PARA OLAR E VIAGEM
"REMINGTON" PORTATIL
A mais perfeita de todas

PARA GABINETE
ONDE O SILÊNCIO É DESEJADO
"Remington Noiseless"
Única que escreve em silêncio

Ficheiros
KARDEX

Arquivos de aço

Máquinas de calcular
DALTON

PRESTAÇÕES "REMINGTON" PRESTAÇÕES

Rua Nova do Almada, 109, LISBOA, Tel. 21802
Rua Mousinho da Silveira, 73, PORTO, Tel. 1276

Rua Ferreira Borges, 119, COIMBRA, Tel. 550
Rua Direita, 19 FARO

Homens & Factos do Dia

reporter

O SEMANÁRIO
DE MAIOR TIRAGEM E EXPAN-
SÃO EM PORTUGAL

Grandes reportagens e crítica a todos
os acontecimentos de sensação
nacionais e estrangeiros

Sai às sextas-feiras e é posto à venda
simultaneamente em todo o país

PROPRIEDADE EXCLUSIVA DE C. CAL

Director e Editor
REINALDO FERREIRA
(Reporter X)

Redacção, Administração e Publicidade
Rua do Loreto, 42-1.º — TEL. 28249 — LISBOA
End. Electr. : REPORTERX — LISBOA

Composição e Impressão
SOCIEDADE EDITORIAL «A B C», L.da
Rua do Alecrim, 61 — Rua da Luta, 1-B

PREÇO DAS ASSINATURAS

3 meses — série de 12 números — Esc. 11\$50
6 » » » 25 » — Esc. 22\$50
12 » » » 52 » — Esc. 44\$50

Para as Colónias e Estrangeiro acrescem os respectivos portes

Pagamento adiantado

“Casa de pais,
escola de filhos...”

TENHO sobre a
minha mesa
de trabalho o
recorte dum
dos grandes diários
onde, desacompanhada
de comentários, vem a
notícia de que em qual-
quer terriola ignorada
da província, duas
crianças de cinco anos
deitaram as mãos ao
pescoço de uma outra
de dois anos e a esgan-
naram, de brincadeira,
pela razão simplíssi-
ma de que tinham visto,
havia pouco, o pai usar
do mesmo processo bár-
baro para matar um
cordeiro.

O caso não é novo.
Tem até servido de ca-
vala de batalha a mul-
tos educadores e dá

razão à bela lição contida no adágio popular
que afirma que «a casa dos pais é a escola dos
filhos». No nosso país onde está por realizar
a educação dos educadores, onde não foi ainda
ensinada a difícil arte de educar, é ignorada a
influência perniciosa ou profícua, conforme os
casos, que os exemplos têm na gente nova.

Quem meditar um pouco verifica quantos cri-
mes e desgraças seriam evitados, quantas des-
venturas e tristezas se não chegariam a dar,
como seria desviada a trajectória trágica de
tantas vidas, destinadas a serem a população
de prostíbulos e penitenciárias, se os pais e mes-
tres, conhecedores das modernas experiências
de criminologia e dos novos processos de edu-
cação, evitassem o mais pernicioso e subtil dos
contágios — o contágio pelo exemplo.

Entre nós chega a ser confrangedora a in-
consciência com que determinados indivíduos
dizem e praticam diante das crianças as maio-
res barbaridades, numa promiscuidade tantas
vezes fatal, desde a obscenidade grosseira que
é uma escola de perversão, até às agressões e
aos desacatos que transformam em criminoso o
espírito inocente dos pequeninos. Desde tenra
idade as crianças se familiarizam com o crime,
conhecem aquilo que o crime tem de pior, e os
instintos adormecidos, que bem comandados e
disciplinados podiam conduzir no caminho da

honra, levam, assim, à prática de ódios que jus-
tificam a existência das tutorias e dos tribunais,
depois das cadeias e do degredo.

Consulte-se o cadastro dum refugido da nos-
sa Tutoria da Infância e logo se verifica — e
uma ou outra observação não são mais que as
excepções da regra — que os pequenos crimi-
nosos procuram sempre adaptar-se à vida dos
pais. Pais que batem nas mães e as insultam
diante dos filhos; bêbados que levam as crian-
ças para as tabernas; mães que se aviltam na
presença dos filhos, toda essa gente comete ver-
dadeiros crimes que já hoje os códigos de todas
as nações condenam em alguns casos, e contri-
buem, com o seu exemplo degradante, para ou-
mentar o lodaçal enorme que a tudo e a todos
ameaça subverter.

«Casa de pais escola de filhos...» — e é bem
certo. Se houvesse mais cuidado e mais respeito
pelos filhos, se todos aqueles que sobre os
seus ombros têm o pesado encargo da educação
juvenil soubessem a responsabilidade que toma-
ram e a dívida que contraíram para com a so-
ciedade, não seria tão frequente registarem os
jornais cenas como aquelas que quasi diá-
riamente registam, de filhos que batem nos
pais, de garotinhos que vivem vida fácil em
clubs suspeitos e prosti-
tutos, de rapazes
pequenos que matam
porque viram matar,
cantam o fado, jogam
e roubam, usam
navalha e falam de
maneira a fazer corar
a mais impudica das
bacantes.

No seu Atlas da Cri-
minologia afirmou
Lombroso, com a es-
pecial autoridade que
tem sobre o assunto,
que 80 por cento dos
pequenos e grandes
criminosos o são por-
que copiaram pela vi-
da fóra actos e atitu-
des que em crianças
lhes ficaram na retina
e de tal modo lhe im-
pressionaram a me-
mória, habituando-os
à ideia do crime, que
naturalmente se tor-
naram delinquentes,
também. Sendo assim,
que admirar, pois, que
duas crianças matem
outra, só porque vi-
ram o pai matar?

COSTA JUNIOR



Com uma forma nova de demonstrar simpatia política, estes criados de café
vieram a pé de Barcelona a Madrid para oferecer uma taça de champanhe a
Alcalá Zamora, quando foi eleito Presidente da República

Mistérios dos «bas-fonds»

Os manicómios clandestinos

Duas personagens e um «belo negócio» — Um decreto permitindo o escândalo — Os agentes profiláticos da neforsão — O pano verde da loucura — A cabalística de um quarto — E a desgraça correndo parelhas com o crime.

E não há perigo desde que se consiga um médico.
As duas personagens da «Chic», que na Avenida da Liberdade se evadiram naquela madrugada, conheciam muito bem a doutrina do decreto de 11 de Maio de 1911.

Colóquio discreto, laivado de monossilabos, interrompia-se ao aproximar-se um estranho ou pelos olhares curiosos dos circunstantes. A conversa desviava o curso lógico e perdia sequência, aparecendo então sobre o mármore da mesa da «Chic», gotejada de café negro como aquela combinação misteriosa, uns traços de lápis enexpressivos, caricaturando, em movimentos ridículos, algumas figuras que a madrugada recolhe pelos «bas-fonds». O olhar matreiro de um dos interlocutores feria como um projector de fôgo o ambiente. As pupilas faiscavam raios ferozes, e de um rápido estudo que se fizesse da observação fugaz que se riscasse não poderia encontrar-se outro raciocínio de que na presença do jornalista se tramava um plano maquiavelico.

Há longos minutos que os dois amigos, os dois negociantes ou os dois traficantes, segredavam baixinho, olhando desconfiados em redor, riscando nervosamente o mármore das mesas como a denunciarem o tédio de uma madrugada ou a sãdade de uma vida que se extinguiu naquela tertúlia de negócios... Dir-se-ia que em volta daquelas mesas se reuniam dois psicopatas ou dois perseguidos-perseguidores, duas paranoias perdidas entre o ruído da freguesia.

Lá fóra a chuva parecia caprichar num ritmo de walgédia, batendo violentamente no empedrado, enquanto os noctívagos embuçados fugiam receosos, dos rigores invernais. E o mistério adensava-se, no ambiente de tabaco queimado, cujos rolos de fumo subiam em espirais daquela mesa como de duas chaminés bizarras.

A chuva não cessava e a voz do vento que soprava inclemente corria célere a casa quando o guarda-vento deixava passar um dos «habitues». E foi dum desses furtivos momentos que se ouviu distintamente:

— E' um belo negócio! E não há perigo desde que se consiga um médico...

O «TAXI» DA EVASÃO

Os criados do café começaram a construir as pirâmides matinais. Sobre as mesas empilhavam-se as cadeiras, em esquisita geometria. E desobedientes às regras, cadeiras sobre cadeiras erguiam-se anunciando a hora das limpezas. Os dois amigos prosseguiam, contudo, nas suas combinações, agora mais senhores do reduto conquistado. E foi a vassoura do empregado que os trouxe à sua frente, como dois desperdícios encontrados àquela hora entre os paus de fósforo queimados e o lixo do café.

Na rua o colóquio era ainda mais reservado. Os «chauffeurs» envolviam os dois nos seus olhares suspeitos, e de espaço um motejo, uma blague ou uma ironia pareciam ajustar-se às duas personagens. De súbito, dir-se-ia que movidos por uma força estranha, os dois homens cortavam as placas com seus passos duros, e um «taxi» correu ao longo da Avenida da Liberdade, de cortinas corridas, parecendo ocultar no seu interior o mistério de uma noite.

Nas avenidas novas, uma breve paragem, dois cartões que se trocam, e as conversações não teriam terminado se outro «taxi», o da investigação jornalística, se tem conservado a distância.

O «taxi» da evasão, o «taxi» daquela noite de negócios não deixara um vestígio, uma indicação ou uma pista que fôsse como uma bussola na quele mar de incógnitos.

Apenas o «chauffeur», rapaz experimentado

nos segredos das madrugadas e nas fugas precipitadas, ouvira do interior do carro uma frase que era uma denúncia:

— E' um belo negócio!

O ESTIMULANTE DO NEGÓCIO

Uma mancha negra demográfica fica para além da vida. Reveste-a ensombrando a existência e cobrindo-as de perigos, algumas cenas de sangue, e a perspectiva sombria e ameaçadora de novos crimes. Caminha tem uma lápide trágica. Sobre um túmulo um epitáfio com o nome de um lente da Universidade de Coimbra, assassinado friamente. Em Lisboa, um diplomata caiu varado pelas balas, um jogador da «laranjinha» tombou mortalmente ferido depois de uma noite de «prazer» a uma descarga de arma caçadeira. E pelo resto do país mais legendas de homicídios se espalham, novos candidatos às mesas anatómicas das morgues ou às campas rasas vivem à mercê de uma hora de contacto com o mundo manicomial.

Só nessa altura os *parleurs* de Gutenberg gritam sobressaltados: é preciso internar os loucos que nos ameaçam a vida. O isolado não se faz, os desvarios não terminam e nos manicómios do país recolhe-se apenas um terço do computo da população alienada.

Um decreto com força de lei, de 11 de Maio de 1911, concede, porém, uma faculdade que não deixa de ser um perigo, além de confituir, em muitos casos, um escândalo: «Pode fundar ou adquirir casas de saúde destinadas ao isolamento e tratamento de alienados pessoa e comprovada honorabilidade que, perante o governador civil do respectivo distrito, se comprometa a fazer dirigir tecnicamente e visitar o seu estabelecimento por um médico psiquiatra».

Um cavalheiro, pouco escrupuloso, pode fazer internar em sua casa um ou mais alienados, desde que um médico psiquiatra dirija tecnicamente o manicómio clandestino. E não é difícil. Uma família endinheirada, não podendo internar num manicómio um louco, confia-o à guarda de um desses «psiquiatras» das mesas da «Chic» que garantam nos mármoreos o seu tédio, e a estes é fácil, sem grandes exigências, conseguir a visita de um alienista ao doente, sem que o clínico sequer tome a direcção técnica da casa. A lei é sofismada nesse ponto, a família do louco consegue livrar-se dele e o «psiquiatra» escusa de trabalhar.

— E' um belo negócio!

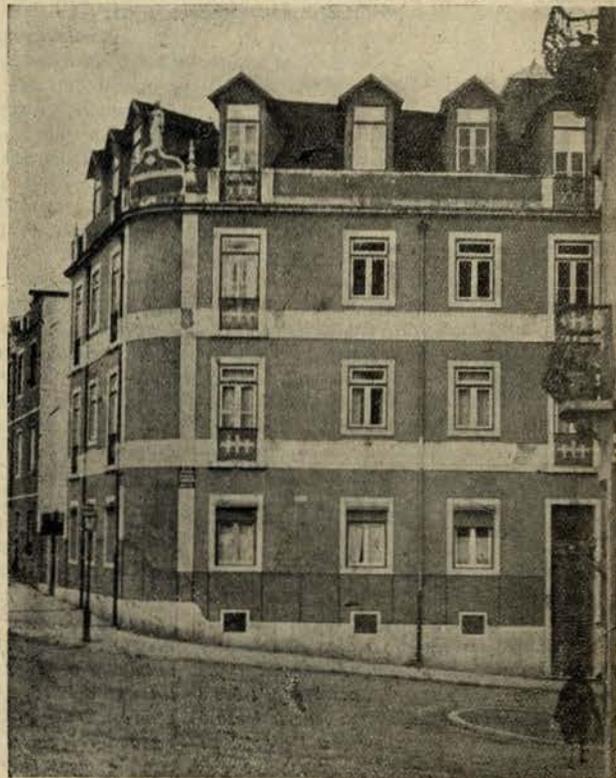
«MÉDICOS» NÃO DIPLOMADOS

Os loucos furiosos, os criminosos alienados, são instrumentos de respeito aos desígnios dos «médicos» não diplomados. A sua permanência nesses manicómios clandestinos é de maior responsabilidade. Dizia o ilustre psiquiatra sr. dr. Júlio de Matos, há anos falecido, que «a tais degenerados compete o isolamento perpétuo ou, pelo menos, indefinido em manicómios especiais, funcionando, ao mesmo tempo, como casas hospitalares, pela assistência médica, e como cárceres, pelas condições de segurança e de regime interno, necessariamente mais severas do que as exigidas pela grande maioria dos loucos». Essa circunstância não impede que indivíduos se arrojem a internar em suas casas os perigosos doentes.

Há recursos, variados, e do conhecimento comensinho. Os coletes de força, os berços e outros instrumentos de domínio. Se o louco for excitado, que produza barulho, se causar alarido de maneira a denunciar a vizinhança a operação, há isoladores convenientes que apagam qualquer ruído. Os «médicos» não diplomados não se assustam mesmo com os imprevistos...

Em regra são outros doentes os escolhidos para o negócio. Os que não sejam perigosos, facilmente

(Continua na pag. 13)



O prédio da rua António Pereira Carrilho, onde está instalado o manicómio clandestino

Depois do formidável êxito das «Batalhas Navais»

O novo Concurso KOLOSSO do «Reporter X» para 1932

«A CAÇADA ÀS FERAS»

MAIS RÁPIDO, MAIS SIMPLES, MAIS EMOCIONANTE AINDA DO QUE AS GRANDES «BATALHAS NAVAIS»

4 mil escudos de prémios semanais

1000 escudos para Lisboa — 1000 escudos para o Porto — 1000 escudos para Coimbra — 1000 escudos para as províncias

Os concursos «Kolossos» do «Reporter X» são rápidos, fáceis, emocionantes, divertidos e de alto interesse para o público visto que todos os prémios são em

!!! Dinheiro, só dinheiro !!!

A FORMA DO CONCURSO

Todas as sextas-feiras o «Reporter X» publica, além da lista de cinquenta animais da sua arca de Noé, uma senha de concurso com nove jaulas, igual à que acompanha este artigo, em que todos os leitores devem escrever o nome de nove animais entre os cinquenta indicados.

Por exemplo :

1 LEÃO	2 PULGA	3 CAVALO
4 CÃO	5 AVESTRUZ	6 URSO
7 TIGRE	8 RAPOSA	9 BURRO

Nesse mesmo dia, às 11 horas da manhã, o Re-

porter X em Lisboa, Porto e Coimbra, em locais que revelará nessa ocasião para que o público assista, expõe vários envelopes, fechados e lacrados, nos quais se encontra um cartão com cinco jaulas, cada jaula com um animal, escolhidos entre os 50 da mesma lista.

Exemplo :

1 ÁGUIA	2 ZEBRA	3 GATO	4 BALEIA	5 MACACO
------------	------------	-----------	-------------	-------------

Na sexta-feira seguinte, às dez horas da manhã, esses envelopes serão abertos à vista do público, revelado o seu conteúdo e exposto o cartão com os nomes dos cinco animais escolhidos.

Exemplificando :

O leitor escolheu os seguintes animais :

*O leão, a pulga, o cavalo
o cão, o avestruz, o urso,
o tigre, a raposa, o burro*

E o envelope, aberto na sexta-feira seguinte, enjaula os seguintes animais :

*O cão, o avestruz, a raposa, o cavalo
e a pulga*

Nesta hipótese, o leitor acertou nos cinco bichos e ganhou o primeiro prémio.

Mas supponhamos que o cartão apresentava os seguintes animais :

*Baleia, «cavalo», zebra, «urso» e
«a raposa»*

O leitor só tinha acertado em três e, portanto, só ganhava o terceiro prémio.

Compreendido ?

MODO DE GANHAR

Tendo os concorrentes o direito de enjaular nove animais e sendo necessário acertar apenas em cinco — a chance é muito superior à das Batalhas Navais.

(Continua na pag. 13)

EXPLICAÇÃO CLARA DUM CONCURSO SIMPLISSIMO

O «Reporter X» fantasia possuir uma «menagerie», uma coleção zoológica onde enjaula, como numa arca de Noé, cinquenta bichos que enumera a seguir.

A ARCA DE NOÉ

- | | | |
|---------------|----------------|-----------------|
| 1, Leão | 18, Pulga | 35, Víbora |
| 2, Tigre | 19, Lobo | 36, Serpente |
| 3, Leopardo | 20, Toutinegra | 37, Pomba |
| 4, Hiena | 21, Andorinha | 38, Perú |
| 5, Urso | 22, Catatua | 39, Pato |
| 6, Onça | 23, Kangurú | 40, Galinha |
| 7, Crocodilo | 24, Foca | 41, Coelho |
| 8, Búfalo | 25, Giboia | 42, Escorpião |
| 9, Hipopótamo | 26, Cegonha | 43, Papagaio |
| 10, Elefante | 27, Sapo | 44, Ralo |
| 11, Camelo | 28, Lagartixa | 45, Gato |
| 12, Girafa | 29, Baleia | 46, Cão |
| 13, Zebra | 30, Tubarão | 47, Burro |
| 14, Águia | 31, Colibri | 48, Espadarte |
| 15, Mõcho | 32, Raposa | 49, Orangotango |
| 16, Pelicano | 33, Cavalo | 50, Macaco |
| 17, Avestruz | 34, Chimpanzé | |



Uma reportagem emocionante

Os médicos de há 4000 anos conheciam a cirurgia e a anestesia

e curavam males hoje incuráveis por meio de injeções e de outros sistemas inexplicáveis para nós — Na China, no Egito e na Pérsia — «Colorir o sangue» — A auscultação — O tratamento da avariose há 3000 anos.

É hábito afirmar-se que a medicina-ciência, e não arte de bruxedos, nasceu na Grécia onde, pela primeira vez — diz-se — foi estudada a sério a anatomia humana. Contudo, das civilizações que recuam nos séculos anteriores à helénica, chegam-nos notícias de proezas sensacionais praticadas pelos médicos da época — sem que se possua elementos que possam reconstituir os recursos e os conhecimentos de que eles dispunham. Um húngaro ilustre, médico, historiador e arqueólogo, Dr. Ransk Tujmark, de regresso duma longa viagem pelo Oriente, publicou um livro onde recolhe toda uma nova constelação de sensacionais revelações sobre a medicina e a cirurgia na antiguidade — na China, na Pérsia, no Egito, etc. A obra teve um eco mundial porque, por vezes... humilha os mais avançados e modernos sábios da actualidade, cujos prodígios ficam aquém do que se conhecia e realizava há 2.000, 3.000 e 3.500 anos. Vários capítulos desse livro têm sido publicados, dispersamente, pelos jornais europeus e americanos — e ainda há pouco o *Lu*, de Paris, traduziu um trecho referente à medicina chinesa.

Graças a um amigo nosso residente, em Buda-pest, possuímos um resumo das notas mais valiosas do livro em questão.

A CIRURGIA, A ANESTESIA E AS INFECCÕES HÁ 4.000 ANOS

O fundador da velha escola da medicina chinesa chamava-se Lung-Wong, nasceu 2.000 anos, quasi, antes da nossa era e ainda hoje alguns dos seus dogmas científicos orientam os modernos médicos amarelos. Um exemplo da superioridade de Lung-Wong está em que há 40 séculos ele operava cirurgicamente, anestesiando os operados. Como era feita a anestesia? O ópio devia ser já do seu conhecimento, visto que o ilustre operador conseguia realizar uma solução com a qual o doente

caía numa modorra, insensibilizado em absoluto, mas podendo responder às perguntas que o médico lhe fizesse, porque o cérebro conservava um ligeiro sentido com a vida exterior. Essa anestesia possuía, entre outras vantagens, a de não deixar vestígios desagradáveis no organismo, regressando os padecentes à normalidade sem enjoos, agorras e outros efeitos da intoxicação que o moderno clorofórmio e o éter provocam.

Lung-Wong conhecia e aplicava com grande frequência o tratamento por meio de injeções — sobretudo nos casos de enfermidades intestinais. Uma doença que tomava por vezes aspecto epidémico, e que tudo indica que fôsse o tifo, era curada pelo famoso médico chinês, há... quasi 4.000 anos, em três dias, por meio de *picadas* no ventre dos doentes. Essas *picadas*, ou injeções, como se lhes chama hoje, eram praticadas da seguinte forma: aplicavam a extremidade dum tubo de bambú, uma espécie de cardo («dente de serpente» é o nome que os chineses lhe dão). O cardo era perfurado, grudando a parte larga à abertura do tubo do bambú. O soro, ou o que ôsse, (ossegredos da alquimia de Lung-Wong permaneceram herméticos) era vertido no tubo de bambú, e... assoprado pelo médico, depois deste ter picado, intermuscularmente e hipodermicamente, o cardo.

Existem ainda, num museu onde os médicos modernos chineses refinam as relíquias do grande mestre, um manequim, reproduzindo minuciosamente o corpo humano, no qual estão abertos *duzentos e oitenta orifícios* microscópicos, correspondentes aos *duzentos e oitenta sítios* do nosso corpo em que, segundo a ciência de Lung-Wong, se pode aplicar injeções, sem perigo para o doente. Durante séculos esse manequim serviu de estudo aos futuros médicos. O professor cobria-o com um pano, e os alunos, através do pano, Jeviam acertar, à primeira pontaria, com todas as aberturas feitas no manequim.

O «SANGUE... COLORIDO»

A pesar de todos estes avanços — afirma o médico húngaro — Lung-Wong mal adivinhava as vantagens da antisepticidade. Os cardos, os tubos de bambús e o sistema de estudo anatómico por meio de manequim — não evitavam frequentes infecções e erros graves. Esse pequeno senão é facilmente recompensado, entre outras vantagens, pela forma como a medicina era então exercida. Os médicos não se preocupavam apenas em curar doenças; o seu trabalho constante era o de evitar que

os seus clientes adoecessem. O sistema, tantas vezes repetido em almanaques e tantas vezes ridicularizado como inverosímil e falso, dos médicos chineses receberem uma mensalidade de cada cliente quando este se encontra são, e de essa mensalidade: ce



Uma consulta a um médico-sacerdote na Índia-China. A doente fala através dum ralo, mas não vê o médico nem o médico a vê a ela...

suspendida quando o cliente adoça e durante o tempo que estiver doente — era usado em toda a China e ainda hoje, nas regiões mais tradicionalistas, o conservam. São incalculáveis os progressos na medicina preventiva que este sistema trouxe à medicina chinesa da antiguidade.

Diz o Dr. Ransk: «Os médicos estudavam continuamente o organismo dos seus clientes, conheciam as suas fraquezas, as suas tendências mórbidas; e em vez de lhes aconselhar abstinências ou tratamentos difíceis ou desagradáveis, que não seriam cumpridos... em saúde, procuravam evitar a crise, aplicando pessoalmente os remédios preventivos. Os médicos da escola de Lung-Wong andavam com vários criados ajouçados com caixas; e dentro dessas caixas guardavam numerosos frasquinhos e boiões. A injeção não era o seu processo exclusivo. Usavam o que ainda hoje chamam «colorir o sangue». Era um sistema que pode recordar, simultaneamente, a sangria e a vacina. O cliente pouco se maçava, nada sofria, não perdia tempo — e tinha a saúde garantida a tanto por mês — e a certeza de cura e remédios de graça, no caso pouco provável de adoecer!» «Colorir o sangue», segundo opina o ilustre viajante, devia ser estudado a sério pela ciência moderna. O médico chinês constatava que o fígado dum cliente se dilatava, numa ameaça grave, ou que os pulmões enfraqueciam sob o perigo duma tuberculose (*pulmões agudados* corresponde, na terminologia médica chinesa, a tuberculose); aguardava a oportunidade de uma intervenção preventiva, começando a segui-lo com o maior cuidado. Depois esfregava qualquer parte do corpo — o ante-braço, a coxa, etc., com uma pomada que produzia anestesia local; vendava os olhos ao cliente, amarrava-o a uma cadeira ou a uma mesa, golpeava-o numa pequena ferida, deixando o sangue correr — meio decilitro em média: a seguir, escolhia, de entre as

(Continua na pag. 15)



O médico húngaro, Dr. Ransk, aprendendo com as «curandeiras» chinesas os velhos sistemas de curar de Lung-Wong.

“Pepe” não morreu envenenado!

Embora não tenha terminado ainda o exame toxicológico às visceras, podemos afirmar que o motivo da morte do grande «ás» do foot-ball foi devida a uma doença de que padece também a família do falecido

TRÊS meses volvidos sobre a morte misteriosa do grande «ás» do futebol que se chamou José Manuel Soares (Pepe), poucas são já as pessoas que do discutido acontecimento se lembram. E' assim o nosso povo. Mal se torna conhecido um facto como aquele, gemem os presos com inflamação da prosa dos nossos colegas na imprensa, ansiosos da descoberta da verdade e de bem informarem o público dos seus jornais.

A policia não descança, procurando, rebuscando, ouvindo testemunhas, promovendo exames científicos, etc., de forma a justificar a sua existência e a contribuir para, na defesa que lhe está confiada da sociedade, se apurar o máximo, dentro dos reduzidos meios de que dispõe. Depois, tudo cai no esquecimento, deixa-se de ouvir falar do caso com tanta insistência e, quando se trata de uma morte, como no caso sujeito, parece que a acção destruidora da terra sobre o cadaver se faz sentir também na sensibilidade do povo.

Há, no entanto, uma entidade que não esquece o facto, que todos os dias fala nê, que todos os dias o vive, aproveitando muito desse silêncio: é o Instituto de Medicina Legal. Ali não há possibilidade de se esquecer o caso e os peritos lá vão seguindo a sua rota, fazendo análises sobre análises, cosendo e recosendo as visceras, em busca do famigerado veneno que terá porventura produzido a morte ao saído «Pepe».

Trabalho baldado! O veneno não aparece, pela

simples razão que nunca lá esteve. No entanto os exames continuam e prometem demorar.

Nesta conjuntura em que já a maioria dos nossos camaradas, e alguns deles dos mais ilustres — autênticos ornamentos da nossa profissão — se manifestou, tendo-se chegado ao ponto de se aventarem as mais desconstruídas hipóteses, desde as mais lógicas às mais inverosímeis, quando já a policia por intermédio dum dos seus mais hábeis e inteligentes agentes, o Paulitos, fez todas as deligências que estavam indicados se fizessem, sem ainda se haver chegado a uma conclusão, é o momento de virmos informar os nossos leitores, pondo no assunto ponto final.

A-pesar-do esquecimento que já caiu sobre o caso, «Reporter X» não se esqueceu d'ê. Investigou por sua conta, como lhe competia, dada a sua função especial. Estavamos em frente dum caso que merece as honras de sensacional, de grande reportagem e não podíamos ficar parados, á espera que outras entidades viessem a público dizer a última palavra.

Falseariamos a nossa missão se o fizéssemos, e desmerecíamos assim da confiança que em nós depositam os nossos milhares de leitores.

Dissemos acima que o veneno não apareceu ainda por que não tem que aparecer, por não estar



O desventurado «Pepe»

lá. Parecerá arrojada a afirmação, mas é autêntica. «Pepe» não foi envenenado! «Pepe» morreu duma doença, possivelmente duma úlcera do duodeno, cuja perfuração, quando se dá, provoca a morte quasi fulminante. Da mesma doença padece também quasi toda a familia do desventurado rapaz.

Mas porque morreu só o «Pepe»? perguntarão. Naturalmente pelo mesmo motivo que estando atacados de tifo ou de outra qualquer doença vinte pessoas, apenas uma percentagem — quasi sempre minima — falece.

De resto, não têm de que se admirar quando afirmamos que não há veneno nas visceras de «Pepe». Foi por acaso encontrado algum veneno no pão e no chourico analisados há tempo no Instituto Superior de Higiene?

Não nos consta, como também não nos consta que tenham morrido os ratos que comeram desses gêneros. Resta ainda saber de que morreu a gata, mas supomos não andar longe da verdade, afirmando que também não morreu envenenada.

Tudo quanto acima afirmamos, embora possa parecer fundamentado em simples hipóteses, é producto dum trabalho insano de reportagem a que nos entregamos. Podemos afirmar que «Pepe» não morreu envenenado e a nossa satisfação será enorme, não terá limites, no dia em que a conclusão dos exames officiais a que estão procedendo confirmar — como temos a certeza de que o fará — a nossa afirmação.

Os peritos médicos que fizeram a autópsia do cadaver de José Manuel Soares já sabem do que êle morreu. A sua certidão de óbito dava como indeterminada a causa da morte, porque outra coisa não havia a fazer perante as suspeitas que se avolumavam de que êle tinha morrido envenenado. Terminado o exame toxicológico das visceras, temos a convicção de que elaborarão o seu relatório de harmonia com o que constatarem na autópsia e perante o facto consumado da ausência do veneno.

E terminará aqui a missão da policia, que se limitará a enviar o processo para tribunal, onde será definitivamente arquivado.

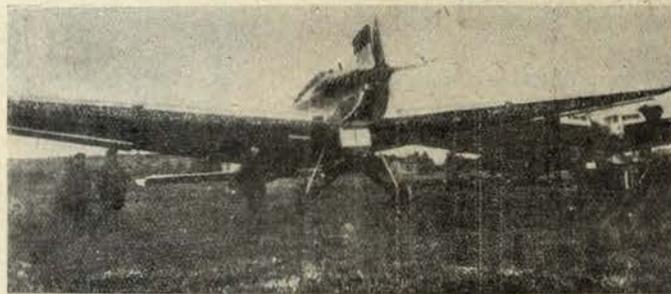
ARGUS

Aviões estratoesféricos

Ainda há poucos meses o mundo quedou assombrado ante a ousadia de dois homens — o professor Piccard e o seu ajudante — que, enclausurados numa pequena esfera, se deixaram voar através do espaço até regiões altíssimas, já fora da terra, através de um elemento cujo nome aquela façanha divulgou: — a estratoesfera.

Dir-se-ia que aquella proeza não poderia

vista. Pois é um aparelho especial para voar na estratoesfera, construído pela casa Junkers. O piloto vai no interior completamente isolado e com provisão de ar, porque, como se sabe, naquelas alturas a atmosfera é irrespirável para o homem. Quando este avião alcançar a estratoesfera, poderá duplicar a velocidade dos mais velozes aparelhos — alcançando 1.000 quilómetros á hora!



repetir-se dentro destes cinqüenta anos mais próximos, dada a falta de aparelhos apropriados para praticá-la com relativa segurança.

Pois viajar na estratoesfera vai ser, em breve, um acto tão banal como dar um passeio de Paris á Bruxelas nas carreiras normais de aviões. O avião que a nossa gravura representa nada tem de particular, á primeira

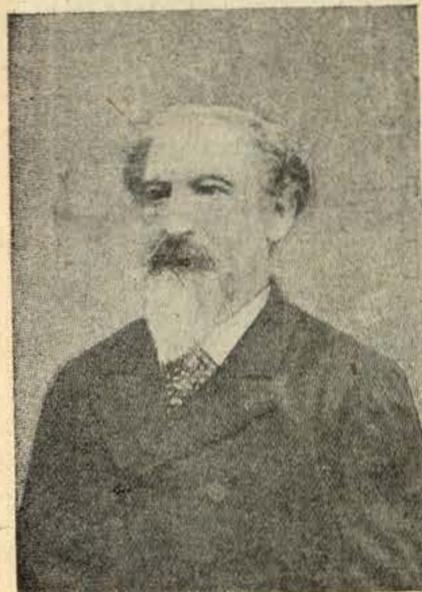
A tornar-se viável e banal a viagem através da estratoesfera, as distâncias grandes, como a travessia do Atlântico, do Pacifico e dos grandes continentes, realizar-se-há com menor dispêndio de energia, mais facilidade e estupenda rapidez, porquanto os aparelhos não terão que lutar com a resistência do ar e a contrariedade dos ventos.

Onde iremos parar com tantas velocidades?

Uma revelação sensacional

As manobras de Afonso XIII para se apossar do trono de Portugal...

... e a célebre conferência misteriosa com os emigrados monárquicos de Madrid, que não chegou a realizar-se



D. Fernando, marido de D. Maria II, que o general Prim quiz fazer rei de Espanha

e lhe damos o altíssimo apreço que merece. Mas é que, para edificarmos uma obra de pura imaginação não exigiríamos do nosso esforço os excessos com que nos temos sacrificado. Bastava depenhar os, como pelicanos literários, na nossa própria fantasia — que, não sendo positivamente carne para *rost-beef*, à inglesa — não é, tão pouco, composta apenas de osso, para cães famintos.

Não levamos o nosso puritanismo até ao exagero de mantermos um permanente jejum de imaginação, não retocando uma imagem, não colorindo uma situação que a realidade apresenta insípida e disforme, não apimentando uma intriga que a vida nos trouxe sensaborona e sem tempero...

Existem, porém, assuntos, precisamente porque são delicados em extremo e porque o radio alcançado pelo seu hábito se alastra para além do horizonte visível e previsto, em que os nossos escrúpulos tem a severidade e a exactidão de uma análise química. E se algum assunto nos exigiu até hoje a chancela dos nossos escrúpulos — esse assunto é o que deu alma a esta reportagem.

Uma vez, há anos, conversavam vários republicanos e monárquicos, entre os quais se encontrava um dos crónistas orais, mais eruditos, do antigo regimen e discutiu-se os grãos de afectividade entre soberanos reinantes ou depositos, vindo à baila os nomes de D. Manuel de Bragança e de D. Afonso XIII. Um republicano presente, julgando-se bem informado, garantiu que entre ambos existia uma terna e fraternal amizade. O cronista evocado agitou-se, apoplectico: «Nunca! Nem se correspondem! Sua Magestade bem sabe os favores que deve ao primo e vizinho! Se D. Manuel não se encontra hoje no seu trono — a D. Afonso o deve! Por duas vezes se recusou a deixá-lo passar pelo território espanhol — quando, pelas incursões Sua Magestade desejava colocar-se à frente das suas hostes e depois, quando da monarquia do Norte, preten: eu atravessar a fronteira e apossar-se d

rédeas do seu governo! E não foi por lealdade para com a Republica portuguesa — que o rei de Espanha assim procedeu! Na melhor das hipoteses convinha-lhe uma republica vizinha inquieta, desordeira (sabe Deus a responsabilidade que lhe cabe nalguma dessas desordens e inquietações!) como exemplo amargo para os seus súditos. Mas o principal segredo da sua negativa era outro — mais grave, menos confessavel! Unamuno chamou-lhe o Fernando VII do século XX — e tem razão!

A partir dessa palestra não deixei nunca mais de



D. Carlos de Bourbon, que se propunha ser rei de Portugal

brocar o misterio da «outra razão» secreta e inconfessavel» da negativa de Afonso XIII.

Um jornal como o nosso exige uma organização cujos tentáculos irradiem por todos os campos da vida nacional. Por isso possui colaboradores em todos esses campos, indiferente aos seus ideais, contanto que correspondam ao ideal comum: o da lealdade. O autor desta sensacionalissima reportagem pertence a essa brilhante brigada extra. Quanto à exactidão de todas as peças que a compõem — podemos assegurar que não se forçou uma nota,

nem se torna possível um equívoco. É a verdade absoluta, a verdade pura, a verdade histórica e para a História.

R. X.

AFONSO XIII QUERE SER REI DE PORTUGAL

No dia que, cremos, não virá longe, em que for possível, pela reinição de todo o material, fazer a história verdadeira do que foram várias tentativas absorcionistas de Afonso XIII, o último Rei de Espanha, ver-se-á claramente que o velho sonho da União Iberica, sob o regime monárquico, pretendeu, por mais duma vez, realizá-lo o actual exilado de Fontainebleau.

O filho da Rainha Cristina, esquecido das duras lições do Passado, quiz apenas lembrar-se da aventura dos Filipes, seus antepassados, sem se recordar que existira, também, um 1640... A tentativa com que Prim espantou a Europa dos fins do século XIX, oferecendo a corda espanhola ao Rei Fernando, viuvo de D. Maria II de Portugal, e pai de D. Luiz, quiz realizá-la, inversamente, Afonso XIII e com tal impetuosidade que chegou ao extremo de preparar um passeio militar a Lisboa. Não contou, porém, o último Bourbon com a vigilância atenta da Inglaterra, nem com a energia dos governos de Portugal. A queda da monarquia portuguesa deu ao Rei de Espanha as mais largas esperanças de vitória. A sua visita ao nosso país, nos começos do reinado de D. Manuel II, não lhe deixou uma impressão favorável. O soberano português, voluntarioso demais para aceitar tutela, repelia pura e simplesmente os conselhos amigáveis com que o Rei, seu primo e vizinho, pretendia orientá-lo numa atitude de «colega» mais categorizado e mais rico de experiencia.

Afonso XIII concluiu então que com D. Manuel no trono português, jámais podia influir na nossa politica interna com aquele poderio e importância, com que desde sempre sonhara, e que eram indispensáveis para realização do seu plano maquiavelico. A Republica, que o Rei espanhol julgava não passar dum episódio desordeiro, na vida nacional portuguesa, surgiu, acarinhada, de início, pelas suas mais berrantes expressões de simpatia. A maneira como a monarquia caíra, a forma como os monárquicos tinham abandonado D. Manuel, davam a Afonso XIII a impressão de que o Rei português jámais poderia voltar a reinar.

A RÊDE

Como cria, porém, que a Republica não se manha, tratou de ir espalhando a sua influencia de tórma a poder, na hora propria, vibrar o golpe decisivo.

Não contou, repetimos, com a vigilância inglesa, nem tão pouco com o patriotismo do soberano português exilado que — manda a verdade que tanto se diga e somos insuspeitos dizendo-o — não poucas vezes pôs de sobreaviso os governos republicanos contra as tentativas espanholas.

Todavia, Afonso XIII ajudou e preparou toda a espécie de desordem, todos os motins que causando-nos certo descrédito, pudessem colocar-nos, ante o est.angeiro, numa situação tal que se justificasse plenamente uma intervenção de estranhos, ou melhor dizendo, uma intervenção espanhola.

O barão de Rosen, ministro da Alemanha, em Portugal, nas vespas da Grande Guerra, fazia espionagem por conta da Espanha, pondo o governo castelhano ao par da nossa situação militar.

Havia a promessa firme de tornar Portugal uma

provincia espanhola logo que a vitória sorrisse às hostes dos imperios centrais. Saíram, porém, as contas furadas ao ambicioso monarca. A entrada do nosso país na guerra, ao lado dos aliados, a derrota da Alemanha, consolidara de vez a Republica Portuguesa.

Mas, nem tal facto levou Afonso XIII a desistir dos seus planos de absorção. Rei de Portugal não poderia ser? Pois bem! Daria homem por si.

UMA CONFERENCIA MISTERIOSA

Os acontecimentos da politica portuguesa pareciam conjugar-se todos no sentido de ajudar a ambição real. A morte de Sidonio Pais provocara a revolta do Norte, primeiro; a de Monsanto, depois. A derrota das forças monárquicas obrigara os realistas a refugiarem-se, na sua maior parte, em Espanha, tal qual acontecera quando das incursões da Galiza. Afonso XIII desta vez não ajudava, nem deixava de ajudar as pretensões dos monárquicos portugueses: «azia o jogo que lhe convinha de momento.



O general Prim



Afonso XIII, o rei ambicioso que quiz unir as coroas de Espanha e Portugal

Um dia alguns dos principais emigrados residentes em Madrid, e que tinham como chefe Paiva Couceiro, foram convocados para uma reunião com o seu quê de misterioso. Não se sabia o motivo do convite. E, muito cautelosamente, foi dito a Paiva Couceiro que havia uma individualidade de grande relevo na politica espanhola que tinha absoluta necessidade de lhes falar. A conferencia, porém, só se realizaria debaixo duma condição: a alta individualidade com quem iriam falar manteria o mais absoluto e completo incognito. As pessoas que dela se aproximassem não saberiam, nem pretenderiam saber, sequer, com quem estavam conversando!

Os portugueses, em tais condições e, como é de vêr, recusaram o convite, não comparecendo. Dentro em pouco, porém, estava revelado o misterio. A alta individualidade que pretendia falar aos emigrados era, nem mais nem menos, que o Infante D. Carlos de Bourbon, tio do Rei.

O monarca de Espanha estaria disposto a exercer toda a sua influencia para o bom êxito duma tentativa de restauração monárquica em Portugal. Provocar-se-ia para isso qualquer desordem interna que explicasse a immediata intervenção da Espanha. A condição imposta, era só uma:

No trono restaurado de Portugal seria colocado D. Carlos de Bourbon.

E está explicado, deste modo, o motivo porque este queria falar aos emigrados portugueses, sob o maior incognito: poderia mais facilmente e livremente defender a sua candidatura — não regateando louvores à sua pessoa — sem perigo de imoestia.

(Continua na pág. 13)

REPORTER X nasceu para ser o arauto e «orgão das grandes reportagens». Desde a primeira gota de tinta vertida pelas nossas penas — que nos obseca exclusivamente — mais por *feitio* profissional do que por disciplina — a ideia de só produzirmos um jornalismo a... 40 grãos. Por cruel ironia aparecem-nos, às vezes, certos críticos de fino olfato que, ao contrastarem a nossa inquietação, o nosso nervosismo com ritmo... *au relanti* da vida nacional, nos acusam de *imaginativos*. O vocabulo, apesar de caluniado, podia adoçar-nos a dôca, posto que conhecemos o seu verdadeiro sinónimo

NÃO FUJA, SR. PERSSONE!

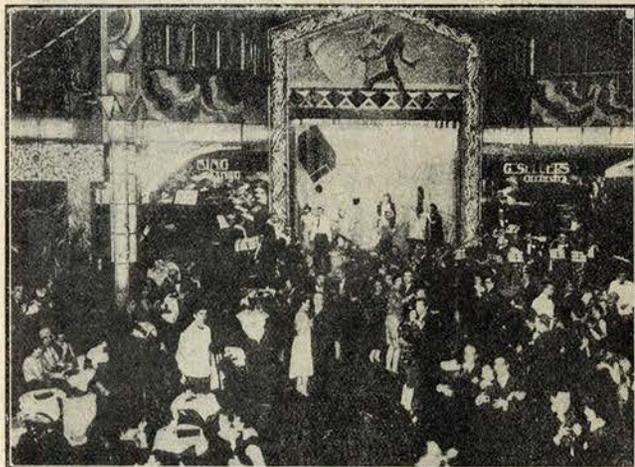
sr. Perssone, aquele famoso aventureiro internacional que desmascarámos nas colunas do nosso jornal e que a nosso conselho nos quere-lou, — a nosso conselho porque temos grande prazer em provar em pleno tribunal a veracidade das nossas afirmações — abriu falência e a meter água por todos os bordos, prepara-se para pôr entre a sua anafada pessoa e o nosso país — país de pretos como êle dizia, desdentosamente, — alguns quilómetros de boa marcha de caminho de ferro.

Mas, sr. Perssone, não fuja! Tanto nos ameaçou com o julgamento e agora, que se aproxima a data da sua realização, liquida à pressa os seus haveres — não vão senti-lo os credores — e pretende passar a fronteira.

Então, snr. Perssone, espere um pouco! Não fuja...

Qual foi o maior mistério das grandes cidades em 1931

II.ª Série: Moscovo, Rio de Janeiro e Oslo



As noites de Paris — são vividas em cabarets onde a alegria atinge, por vezes, a loucura.

RESUMO DAS REPORTAGENS ANTERIORES

Na impossibilidade de darmos um resumo completo de todos os «romances» sensacionais e emocionantes com que a vida folhetinizou o ano findo, no rodapé de todas as grandes cidades do mundo, resolvemos seleccionar o «maior mistério» com que cada uma dessas grandes cidades intrigou a sua população, procurando, ao mesmo tempo, que os «fait-divers» escolhidos fôsem inéditos para o nosso público. Na primeira reportagem demos o caso do «metteurs-en-scène» Walder que foi entimaticamente anestesiado num ascensor de Pery-Palace de Los Angeles e cujos argumentos em filmagem na Universal-Film de Hollywood apareceram depois truncados; o crime de que foi vítima a actriz espanhola Marie-Bel, charada sangrenta que gira à volta dum retrato e que constitui o «maior mistério» de Barcelona; e, por último, o rapto do general Alexis Petrovitch, comandante da gendarmérie sérvia, que desapareceu em circunstâncias verdadeiramente machavélicas, sendo, sem discussão, o mais hermético mistério de Belgrado, do ano de 1931. Prosseguindo esta série de reportagens, focamos hoje as seguintes cidades: Moscovo — o mistério secular do Kremlin, que desespera os próprios bolchevistas, embora ateus e indiferentes ante todas as superstições; Rio de Janeiro — a capital cosmopolita como que vibrou, horrorizada, pelo affaire dos «caixotes macabros»; e por último, Oslo, a capital da Noruega, a cidade branca.

Em Moscovo

SALA NEGRA DO KREMLIN

O Kremlin, o labiríntico palácio-fortaleza que se ergue na Praça Vermelha, na velha cidade moscovita, tão ligado à trágica e misteriosa fatalidade dos czares; que serviu de laboratório e de câmara ardente a Lenine e onde reside o actual presidente da República soviética, possui uma ala onde, há mais de meio século, ninguém ousa entrar, igno-

rando-se mesmo a causa do terror que provoca. Sabe-se apenas que consta de uma sucessão de salas sem janelas (as que se vêem do exterior são... cenográficas) e que, duma dessas salas se abre a única escada que conduz ao imenso e tenebroso subterrâneo do Kremlin, de cuja existência, tão recamada de lendas macabras, podíamos duvidar se não fôsse uma rápida afirmação de poucas palavras no livro de memórias que o seu arquitecto, o finlandês Cristiano Ludwick escreveu. Artur Demitro Yvanoff, que era o mais dedicado dos secretários de Lenine e em que todos os czares vermelhos, de Staline a Ryckov, depositam a máxima confiança, porque Yvanoff é o mais sincero, embora o mais fanático, também, dos magos do bolchevismo, riu-se sempre dos temores — inconfessados... — que a «ala-negra» do Kremlin contagia a todos os seus moradores. E tanto assim que o seu gabinete é contíguo ao aposento onde está a porta-fúnebra que abre para a monstruosa sala. Dessa sala faz êle refúgio nos dias — e nas noites — de excessivas ocupações.

Ora bem. Yvanoff conseguiu que lhe cedessem o seu actual gabinete em 8 de Janeiro do passado ano, e, segundo informa *The World News*, esboçou desejos de realizar um *raid* pelos subterrâneos do Kremlin — o que não conseguiu pelo motivo de ter falecido o velho guardião do Palácio, que possuía as chaves, sem que se saiba onde ou a quem as deixou, e ainda porque a porta é resistente como uma muralha. Um mês depois, estalava o escândalo da alta traição dos «planos de Odessa», que inquietou todo o governo, pondo-o sob o index da III.ª Internacional. Os inimigos do governo, aproveitando cegamente o pretexto, não fizeram cerimónia para o ameaçar com a evocação da «pena de morte»; por sua vez, os «comissários do povo», fartos de esbracejarem nas trevas, encheram as prisões, sem que se apurasse sequer uma pista que

puddesse conduzir à revelação do traidor — e a traição deve ter sido cometida por muitos! A crise agravava-se de dia para dia — até que, em 15 de Março os protestantes da oposição foram amordaçados por uma notícia sensacional da *Pravda*: o governo descobrira toda a meada, prendendo quarenta e cinco técnicos... nomeados pelo governo anterior (e alguns eram amigos e protegidos de Staline) tendo êles confessado o seu crime ante a eloquência das provas apontadas, faltando apenas prender um dos culpados, que conseguira escapar a tempo, pela fronteira polaca. Acalmados os espíritos, uma nova inquietação azouguou os outros: a curiosidade. Os próprios criminosos confessavam o pasmo que lhes causara a agudeza vidente do governo, transparentando o segrêdo opaco que êles tinham tecido à volta da sua traição... Eis o que o correspondente do *The World News* conta: «Yvanoff não é o que se chama *linguareiro* — antes pelo contrário; mas foi tão forte a perturbação que os factos lhe causaram que senti a necessidade de comunicar, a amigos e até a conhecidos, o que lhe sucedeu, para que, desabafando, encontre um comentário que o sossege. «Desde a primeira hora que se soube, nos meios políticos de Moscovo, que a vitória do governo era obra de Yvanoff e que fôra êle quem fornecera a lista dos nomes e todas as provas da traição. Mas o que intrigava era como as obtivera, se não saia nunca do seu gabinete nem tem ligações exteriores! Alguém que lhe falou sobre este assunto ouviu-lhe dizer o seguinte: «Na noite de 12 para 13 fiquei a fazer serão na sala contigua ao meu gabinete. Perto da uma da manhã retinui o telefone que está no gabinete. Fui atendê-lo. Era um desconhecido que me fazia uma estranha proposta: oferecia-me a lista completa dos traidores e respectivas provas — em troca dum passaporte visado pela presidência. Não respondi, e, de volta à sala, encontro uma volumosa papelada sobre a mesa. Examinou-a, e, com emoção, certifico-me que eram... a lista e as provas. Quem as trouxera? Como entrara naquela sala, se as únicas duas portas são a que abre para o gabinete e a que... nunca se abre parh a ala misteriosa? Súbito, escutei uns passos que se aproximavam. Ao princípio julguei que vinham do meu gabinete — mas depois suspeitei que quem quer que fôsse avançava na «ala negra»... Era tão imprevisível e inverosímil o facto que não quis ceder logo à evidência. Foi preciso que batessem discreta e maçonicamente à porta para não duvidar. Mas uma estranha paralisia me aparafusava ao solo e me amordaçava. Repetiram duas vezes as pancadas. Por fim os mesmos passos se afastaram, lentamente dir-se-ia com desânimo e



Moscovo, a cidade paradoxal, a capital de todos os mistérios.

tristeza... Eram duas e meia da manhã quando ousei arrancar-me do meu extêse e dirigir-me à porta da ala... Qual não foi a minha surpresa ao constatar que a porta que eu vira sempre fechada e trancada e inviolável—estava aberta—ou apenas defendida por um ligeiro fecho interior! >

Yvanoff não adiantou mais; mas *The News World* acrescenta que na noite de 11 para 12 de Março, ou seja, na véspera d'êste acontecimento, a policia recebeu a denuncia de que o cemitério de Nordije fôra assaltado por meia-ntes, que tinham violado o coval 27.344, arrombado o caixão e remexido no pútrido espólio do morto. O morto do coval 27.344 era o velho guarda do Kremlin — senhor único das chaves da «ala negra»...

No Rio de Janeiro

O CASO DOS CAIXOTES MACABROS

UM TURCO QUE FAZ UM BOM NEGÓCIO... DE CADÁVERES...

No dia 7 de Agosto último apresentou-se na Prefeitura do Rio de Janeiro um individuo de na-



Londres possui as artérias mais luxuosas da terra — e as ruelas mais imundas do mundo...

cionalidade turca e de nome Ramer, denunciando o seguinte caso. Dedicando-se êle ao negócio de «ocasiões», comprando e vendendo «pechinhas», soubera que, em certo armazem próximo do cais, se arrematava um lote de caixotes a preços invulsíveis. Correu o turco ao tal armazem encontrando nele apenas um velho, muito velho, mestiço de indio e brasileiro que, sem regatear lhe vendeu quarenta e dois caixotes, que, dizia êle, tinham servido no transporte de peças de fazenda, impondo a condição de os levar uma hora após o pagamento. O turco não quiz perder aquele «negócio da China», indo logo contratar *camionettes* que carregassem os caixotes para o seu armazem particular, na rua Marcos Pina. Dois dias depois, ou seja, na manhã de 7 de Agosto, tendo em vista vários compradores que lhe davam 200 por cento de lucro, começou a despregar as tampas dos caixotes, visto que qualquer deles exigia um exame minucioso à mercadoria. Ao dirigir-se ao décimo quinto caixote, foi perturbado por um fartum nauseabundo... Sem explicar a causa, continuou a faina, e qual não foi a chicotada sofrida ao deparar-se-lhe um cadáver em adeantado estado de decomposição. Alarmado, chamou a familia, os empregados, e êstes, sob o palpite de novos imprevistos, se encarregaram de abrir os outros caixotes: três novos cadáveres, no mesmo estado, fôram encontrados nos caixotes décimo-oitavo,



Não pode ser Dizem-nos que o encarregado do posto do correio em Buarcos é o comerciante Jaime Ferreira que naquela praia tem um estabelecimento, e que só vende os selos... a quem lhe compra papel e envelopes.

Até aqui os habitantes daquela vila tinham que ir à Figueira da Foz, sempre que precisavam fazer qualquer registo, emitir algum vale, etc., o que já lhes causava prejuizo. Agora, com a maneira que o sr. Ferreira descobriu de fazer prosperar o seu negócio, têm que ir àquela cidade até mesmo quando precisam dum simples postal, a não ser que se disponham a servir os interesses do tal sr. Ferreira.

E' um caso que oferecemos ao estudo do sr. Director Geral dos Correios.

Uma fábrica de tuberculosos

Há dias, quando estivemos em Alcobaca, tivemos ocasião de ouvir algumas queixas justificadas contra a alimentação que ali era fornecida aos presos, reclamação que sabemos que pelo sr. Director Geral das Prisões vai ser atendida. Mas peor, ou tão grave como essa, outra razão de queixa têm os presos da cadeia de Alcobaca. Não têm condições higiénicas, as retretes estão nos próprios calabouços onde vivem os presos, as paredes são tão húmidas que por elas escorre água que chega a molhar as tarimbas, que levam dias a enxugar sem que no entanto sejam substituídas.

Mais do que de criminologia ou direito penal, é êste um caso de humanidade a que não pode ficar insensível o sr. Director Geral das Prisões, para quem apelamos, certo de que seremos atendidos.

vigésimo-primeiro e vigésimo-quinto. Mas contrabalançando o terror que estas descobertas tinham provocado, ao destapar o último caixote deram com um pequeno guarda-jóias, e dentro d'êste vários diamantes, no valor de quasi mil contos. A policia correu ao armazem onde os caixotes tinham sido comprados, mas o velho já desaparecera sem deixar vestígios. Até hoje — escrevemos a 2 de Janeiro de 1932—o mistério conserva o seu X indecifrável... O que apenas os legistas apuraram foi que, dos quatro cadáveres, três eram do sexo feminino e um do masculino, todos jóvens; e a poeira em que se desfizera os seus fatos denunciara, através das análises, um luxo invulgar... E mais um detalhe: o único papel que apparecera nos despojos dizia: «Rua do Ouro, 44». Rua do Ouro existiam em S. Paulo, Bello Horizonte, e... Lisboa.

Em Oslo

O GENTLEMAN DO PALESTRON LILAZ

Na tarde de 8 de Outubro último, nos «Svenska C.º», uma espécie de «Grandela» ou «Armazens do Chiado» de Oslo, apresentou-se na secção das gravatas um moço requintadamente elegante que, não falando senão o francês, teve de ser atendido pela única caixeira que podia compreendê-lo — a jóvem Cecilid Kell, dezoito anos em flôr da

200 crianças sem escola! O pão, como a educação, são, no nosso atender, dons que se não devem negar a quem os não pode adquirir.

Por isso rejubilamos quando alguém aparece com o louvavel intuito de terminar com o cancro do analfabetismo, embora não acreditemos muito — a culpa é da experiência — no resultado da campanha.

O lugarejo de Pias, por exemplo, tem resistido a todas as campanhas. Com uma população escolar de 200 crianças, há 3 anos que praticamente ali não há escola. Com professor competente, com edificio que pomposamente é denominado Escola Oficial, não há escola. Como podem os alunos estudar dentro dum pardiêiro com janelas sem vidros, quasi completamente destelhado, e onde chove como na rua? Numa escola destas os alunos só podem fazer uma coisa: — não ir lá!...

Os cinco «malhos»

Uma madrugada encontraram-se num café da baixa um antigo jornalista e P. C., o nosso melhor caricaturista. O jornalista — velho costume seu — pede-lhe cinco escudos emprestados e fala-lhe em calão de redacção, dizendo-lhe:

— Emprasta-me cinco malhos...

Anuência do artista e lá vão os dois, de madrugada, a caminho de Morais Soares, no extremo da cidade, subindo P. C. a casa para da janela atirar o que lhe fôra pedido. Assim faz — atirando um maço de jornais. Replica o jornalista:

— Não era isto. São cinco malhos!...

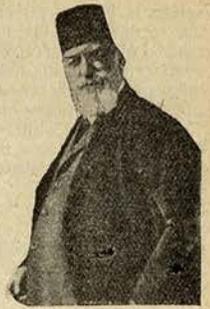
— ?!...

O artista tinha-lhe atirado da janela cinco exemplares de *O Malho* — revista brasileira.

beleza escadinava, ou seja neve, esmeraldas e ouro, neve na pierderme diáfana, olhos verdes, faiscentes, e cabelos dum loiro fulvo. O *gentleman* começou por pedir um *plastron* lilaz e acabou por escolher uma dúzia de gravatas e laços de todas as côres e feitios. Paralelamente à palestra... comercial, foi informando a gentil Cecilid que era um argentino, que viera à Europa em viagem official, que estava na Noruega como agente diplomático do seu país, e que, desde que nascera, já mais encontrara um rosto tão formoso como o da linda caixeirinha. Cecilid corou, acamou os bandós loiros, sorriu e sentiu-se feliz. Tão feliz, que tendo recusado por três vezes o jantar que êle lhe oferecera, ao sair do armazem e ao vê-lo à beira dum «taxi» mudou de rumo e dirigiu-se-lhe, como se tivesse transgido ao convite... O que se passou depois pertence já ao mistério daquelas duas almas. Os episódios anteriores (a chegada d'êle ao «Svenska», o diálogo entre êle e Cecilid, a recusa dela, a sua entrada no *auto* em que êle, teimosamente, a aguardava, foi destemunhado, escutado, visto, besbilhotado pelas colegas da linda moça, umas só por curiosidade, outras por inveja... Depois — conta o *chauffeur* do «taxi» — mandaram-no seguir para um *restaurant-dancing* dos arredores de Oslo, onde começaram. Finda a refeição — ambos entraram para o carro que os esperava — mas já os seus semblantes, pouco antes ainda acalorados pela emoção

(Conclue na pag. 15)

A única portuguesa que foi odalisca do último Sultão da Turquia está em Lisboa



O último sultão da Turquia.

O bairro negro de Lisboa — Entre o Conde Barão e Cais do Sodré — Uma característica casa de hóspedes — Uma agradável surpresa — A odalisca — De Benguela a Lisboa — De serva a patrão — Uma viagem longa — Em presença do Sultão — A assembleia de Angora — Um tenor italiano — Saudades de Africa — Uma rainha de beleza.

A colónia africana em Lisboa pode dividir-se em duas grandes categorias: a fixa e a flutuante. A primeira, constituída por famílias inteiramente adaptadas à vida europeia, por estudantes, indivíduos de profissões liberais, empregados de categoria e capitalistas, vive dispersa pela capital, procurando, no entanto, de preferência, os bairros novos e arejados; a segunda — a flutuante — formada na sua esmagadora maioria por embarcadiços, quasi todos de Cabo Verde, vive no bairro frequentado por estrangeiros — entre Cais do Sodré e Conde Barão — habitando temporariamente pequenos hotéis, pensões e em casas de hóspedes das ruas de S. Paulo, Boavista, Calçada Castelo Branco Saraiva e becos e travessas circunjacentes.



A portuguesa que foi odalisca do sultão.

UMA LINDA MULHER

Um velho amigo nosso, membro categorizado do Partido Nacional Africano, visita da nossa redacção, segredou-nos, há pouco mais de uma semana:

— Queres materia sensacional e abundante para a tua gazeta? Acompanha-me.

Descemos a Rua das Flores, tornejámos a de São Paulo, trepámos a Calçada Castelo Branco Saraiva, e, a meio da ladeira, o nosso companheiro, detendo-se e afirmando-se para uma porta, ciciou:

— E' aqui. Penetrámos numa escada velha, de carcomidos degraus e labirínticos lances. No segundo andar, o nosso guia bateu a uma porta com os dedos. Uma voz feminina e cantante perguntou: «Quem é!» Abriu-se a porta. Mal pudemos conter uma exclamação de surpresa. Estávamos em presença de uma das mulheres mais bonitas que temos visto, não de beleza convencional, mas de uma atracção estranha, irresistível, que emana de um conjunto de feições harmoniosas pela irregularidade. Lindos olhos negros, aveludados, lábios polpudos em forma de beijo, pele acobreada de mulata, mas sem uma ruga, lisa como seda.

Saíduo alegremente o meu companheiro num gesto grácil que lhe fazia adivinhar todas as curvas airozas do seu corpo alto e esbelto,

Entrámos para um compartimento que reinia todos os préstimos: alcôva, sala de jantar, sala de visitas e saleta de costura, pois se viam pelo chão retalhos de pano e sobre um banco a costura que, decerto, momentos antes devia estar entre as mãos esguias e nervosas daquela mulher maravilhosa. O mobiliário era pobre e como não houvesse cadeira para nós, ela desapareceu no interior da casa a procurá-la, lá para dentro, onde se ouvia um rumor de vozes que denunciava a casa de hóspedes daquele sítio. Aproveitando a sua curta ausência, o nosso companheiro perguntou-nos baixinho:

— Sabes quem é esta mulher?
— Sei apenas que é linda — respondemos.
Ele então segredou-me, junto ao ouvido:
— E' uma das duzentas e trinta e sete odaliscas do último sultão da Turquia.

Apenas tivemos tempo de abrir uns grandes olhos assombrados, porque a odalisca, agora mais prestigiada na sua beleza africana e sensual, voltava muito amável, ofertando-nos uma cadeira.

UM AVENTUREIRO INGLÊS

Chama-se simplesmente, plebeamente Elvira Rosa, e a sua odisseia, sendo extraordinária, é, afinal, tão simples como o seu próprio nome.

Filha de pai europeu e mãe africana, nasceu em Benguela, em 14 de Novembro de 1903; conta actualmente vinte e oito anos esplendorosos, sazoados, em plenitude de vida. Aos dez anos ficou orfã de mãe, aos quinze morria-lhe o pai. E quedaria ao abandono em Benguela se um homem, um desconhecido, de passagem por aquela cidade, em fins de 1918, não lhe lançasse a mão que a princípio lhe pareceu caridosa mas que a experiência lhe demonstrou ser interesseira. Esse homem era inglês, chamava-se Henry Baker e, pelo que conseguiu apurar da sua vida, não passava de um aventureiro, de existência cheia de escaninhos escuros. Pois foi este homem que se apiedou de Elvira — quando Elvira já era, a-pesar-da sua pouca idade, uma formosíssima mulher...]

Henry Baker, segundo dizia, vinha a Lisboa arrumar uns negócios e propunha-se seguir depois para o Oriente. Se ela quisesse acompanhá-lo, tomá-la-lhe como criada, pois só como criada e nada mais a queria. Entre a miséria e o abandono em Benguela e uma mediania suportável no rastro daquele homem, Elvira decidiu-se pelo último caminho.

Embarcaram para Lisboa; êle, em primeira classe ela, em terceira. Durante toda a viagem nem sequer a procurou. Parecia desprezá-la.

Mas em Lisboa tudo mudou de figura. Hospedaram-se ambos no Hotel de France, e, como ela tivesse sido educada à europeia, fôsse prendada e soubesse ler, êle sentou-a à sua mesa, vestiu-lhe os melhores vestidos e até a ornamentou com algumas joias de pouca valia mas de grande efeito. A que atribuir aquela súbita mudança? Elvira ignorava-o. Apenas se recorda que, bem vestida e bem tratada, era uma linda mulher e que, em Lisboa, os homens a perseguíam com avidez. Ela, porém, era tão nova!...

CONCUBINA DO SULTÃO

Percorreram grande parte da Europa. Estiveram em Paris, Londres, Roma, e um dia desembarcaram em Constantinopla. Só aí soube Elvira o seu verdadeiro destino. Um dia Henry levou-a ao palácio de Mehemed Vahid-Eddine Khan VI, imperador da Turquia. Nunca mais esqueceu a impressão dessa primeira visita. O inglês falou com o sultão numa linguagem estranha de que ela não entendia uma palavra. Mehemed, já idoso, uma barba flutuando sob o queixo, fitou nela um olhar ávido que a fez estremecer de receio.

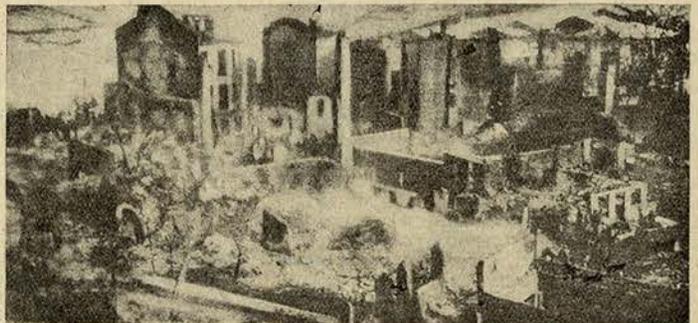
Depois da entrevista, Henry num apêto de mão, seco, sacudido, britânico, despediu-se dela, dizendo-lhe:

— Como não posso ter-te mais tempo comigo, porque vou penetrar na Persia e o país é perigoso, infestado de bandidos, pedi ao imperador que olhasse por ti. Serás tratada como uma rainha.

E partiu, deixando-a aterrorizada com tanta riqueza que a rodeava. Nessa mesma noite soube da existência duma instituição que até ali ignorara existir no mundo: um harem. Deram-lhe um número de ordem, deram-lhe as joias, deram-lhe instalações luxuosas, e ali viveu naquela clausura até 1922, data em que a assembleia nacional de Angora destronou o seu senhor.

Em Novembro dêsse ano o Sultão fugia para o estrangeiro. Antes de partir, porém, foi despedir-se dela, dando-lhe joias e uma quantia avultada em dinheiro, que a pôs a coberto da miséria.

Rosa, interrompendo a narrativa, ergu eu



O harem do sultão da Turquia, em Fijidis, Constantinopla.

-se, dirigiu-se a uma grande mala de esplêndido couro e mostrou-nos vários estojos com joias: um pequeno colar de pérolas autênticas, anéis e «pendentifs» de pedrarias, que, para a nossa ignorância de pobretanas que jámas possuíram tão valiosos ornamentos, pareciam um conto das «Mil e uma noites».

Do que lhe ficou em dinheiro Elvira foi forçada a gastar grande parte. Viveu em Italia, na companhia de um pobre tenor lírico, que, pouco a pouco, lhe foi comendo o melhor da fortuna. Mas o que perdeu em dinheiro, ganhou em educação. Fala correctamente o italiano e o francês, recebe como uma grande senhora e criou a paixão da literatura.

Hoje está reduzida a uma parte (a que nos mostrou) das suas joias e a um rendimento de sessenta e cinco libras por ano.

— E porque veio a Lisboa?

— Cansada da Europa... Os desgostos que Bruno (Brno é o tenor) me dera quasi me venceram. Estive doente, neurastênica. Resolvi ir até Benguela matar saudades de Africa.

E enquanto o vapor não sai, Elvira ali se vai entretendo com os seus trapos, com as suas recordações, os seus romances italianos, naquela casa de hóspedes onde se albergam mais pessoas da sua raça, embarcações de Cabo Verde e as mulheres desses embarcações que lhe falam e a olham como se ela fôsse uma rainha.

E é realmente rainha — uma rainha de beleza africana.

As manobras de Afonso XIII

(Continuação da pág. 9)

Afonso XIII fazia, pois, uma manobra para o futuro. Tendo a infelicidade de todos os seus filhos serem pessoas doentes e incapazes para lhe suceder, tudo indicava que o futuro Rei de Espanha viesse a ser o Infante D. Luiz, filho, precisamente, do Infante D. Carlos. Tornando-se este Rei de Portugal, num futuro mais ou menos próximo reunir-se-iam os dois países cuja capital seria Madrid, tendo em Lisboa o seu porto de mar — o velho sonho de Afonso XIII. A tal pretensão souberam, porém, responder os monarcas portugueses emigrados, repudiando, de maneira formal e categórica, as ambições de Afonso XIII.

Nem por isso o ambicioso soberano desistiu de fomentar novas desordens no nosso país. Pôde-se provar, pelo menos, que os agentes espanhóis muito concorreram para a miserável carnificina do 19 de Outubro.

Vingança contra os homens que não tinham querido sujeitar-se nem à sua tutela, nem à do seu real parente?...

MUITOS ANOS DEPOIS... COMO NOS ROMANCES

Rodaram os anos.

Afonso XIII convenceu-se, finalmente, da impossibilidade de conquistar Portugal. Nem êle, nem seu tio seriam nunca reis na velha Lusitania. Mas um dia, essa figura simpática de mulher a quem a asa do infortunio abateu — a Imperatriz Zita, condolda da miseria em que se debatia seu primo, o Príncipe D. Duarte Nuno, pensou em casar o neto de D. Miguel I de Portugal com uma filha de Afonso XIII...

Num nobre gesto de piedade... sem vexame, a viuva de Carlos de Habsburgo conseguiu demover as primeiras e aparentes dificuldades. O Rei de Espanha chegou a afirmar que concordava em principio com essa ligação.

Houve, porém, que entrar em negociações, as negociações da praxe em semelhantes casos. E foi então enviado à corte de Madrid, como embaixador de D. Duarte Nuno, ao melhor dizendo, dos partidarios do pretendente integralista, o conde da L...

Muito soberano, mas muito pouco fidalgo, Afonso XIII teve uma frase que, decerto, devia ter produzido um estranho êco, sob as paredes heráldicas do Palácio do Oriente. Eil-a: «Teria muito prazer em vêr minha filha casada com um herdeiro do trono de Portugal. Não teria, porém, a menor alegria em vê-la ligada a um mendigo.»

Grande Concurso de 1932

(Continuação da pág. 5)

Todo o leitor de Lisboa, Porto, Coimbra ou provincia que, entre os nove bichos, tiver caçado os cinco registados no cartão, ganha o primeiro prémio que é de 500 escudos (500 escudos para cada uma das três cidades e para a provincia).

Todo o leitor que, entre os nove bichos tiver acertado em quatro, ganha o segundo prémio de 100 escudos (havendo dois prémios desta quantia para cada uma das três cidades e outros dois para a provincia).

Todo o leitor que entre os nove bichos tiver acertado em três, ganha o terceiro prémio, de 25 escudos (havendo oito prémios desta quantia para cada uma das três cidades e outros oito para a provincia).

Todos os leitores que entre os nove bichos acertarem com dois, terão um prémio de dez escudos (havendo dez prémios desta quantia para as três cidades e outros dez para a provincia).

OS PRÉMIOS! DINHEIRO!

Para melhor compreensão da forma como distribuímos os quatro mil escudos de prémios semanais, vamos recapitular de outro modo a sua divisão.

Os 4000 escudos são divididos em quatro partes, de mil escudos cada, por Lisboa, Porto, Coimbra e provincia.

Cada 1000 escudos — ou seja, os mil de Lisboa, Porto, Coimbra ou provincia, serão divididos assim:

1 prémio de 500 escudos.....	500\$00
2 » » 100 »	200\$00
8 » » 25 »	200\$00
10 » » 10 »	100\$00
	1.000\$00
Ora, Lisboa recebe.....	1000 escudos
Porto »	1000 »
Coimbra »	1000 »
Provincia »	1000 »
	4.000 escudos

ganhos sem gasto, lendo o mais emocionante jornal português que é o *Reporter X*, sem outro trabalho do que apontar contra nove bichos escolhidos entre cinquenta e acertar apenas em cinco, em quatro, em três ou em dois!

CONDIÇÕES DO CONCURSO

Todo o concorrente deve cortar a folha que contém as nove jaulas, escrever a tinta nove nomes entre os cinqüenta bichos da lista que fornecemos, registar o seu nome e morada e entregá-la de sexta-feira, dia da saída do jornal, até quarta-feira seguinte, até às dezanove horas, nos escritórios centrais do *Reporter X* em Lisboa — Rua do Loreto, n.º 42, 1.º, ou nas delegações do Porto — Casa Manuel da Silva Braga, Praça da Batalha, n.º 129, e de Coimbra, Tabacaria Silva, Rua Ferreira Borges, n.º 41 — sendo-lhe entregue, em troca, uma senha numerada que o habilita ao prémio. Os concorrentes da provincia devem enviar a sua folha de concurso pelo correio, acompanhada dum selo de 25 centavos, de forma a estar em nosso poder dentro do prazo estabelecido acima, para que lhe seja remetida a respectiva senha.

A lista dos concorrentes premiados será afixada nos mesmos locais dos envelopes, à hora da abertura. Os premiados deverão apresentar-se nos locais indicados de Lisboa, Porto, Coimbra, acompanhados da senha e de um retrato, sendo-lhes imediatamente entregue a quantia que ganharam. Os da provincia, se não tiverem lido o seu nome nos anúncios que publicamos, serão avisados pelo correio, devendo enviar-nos a senha e o retrato para que recebam, na volta do correio, o respectivo prémio.

ATENÇÃO

No caso de nenhum concorrente acertar nos cinco animais, será considerado vencedor do primeiro prémio aquele que tiver acertado em maior

número (quatro, por exemplo), sendo o segundo prémio conferido ao seguinte (ao que tiver acertado em três, por exemplo) e assim sucessivamente.

No caso de haver em cada zona (Lisboa, Porto, Coimbra ou provincia) mais do que um vencedor do mesmo prémio, serão convidados a reunirem-se os vencedores e a deliberarem se querem sortear entre si o prémio ou dividi-lo entre ambos. Na hipótese de concordarem no sorteo, o que perder será recompensado com um prémio de consolação.

A «Caçada às Feras» é mais um Concurso «Kolosso» do «Reporter X». Rápido, económico. Em poucos dias podêis ganhar 500 escudos, 100 escudos, etc., sem trabalho, sem despesa, sem preocupações. Em nove semanas, em nove «Batalhas Navais», distribuímos 44 mil escudos de prémios, contemplámos mais de mil leitores. O nosso novo Concurso será um êxito maior ainda.

PREPARAI A VOSSA PONTARIA

Preparai-vos para receber 4000 escudos semanais

A «Caçada às Feras» começa no próximo número

Mistérios dos «bas-fond»

(Continuação da pág. 4)

domáveis numa casa, que possam viver em regime de sequestro, eternamente isolados, sem terem, pelo menos, como sucede aos seus companheiros do manicómio, a cêrca para passear. Vão para ali para não constituírem o pesadelo das familias e para ali morrem com assistência médica...

São pensionistas mais valiosos do que os do Palácio. As suas mensalidades não se comparam às dos grandes hóspedes dos primeiros hotéis. E ali tudo é extraordinário — extraordinário a pensão, extraordinário a terapeutica, extraordinário o consentimento da existência desses manicómios.

DINHEIRO QUE ESCALDA

Dêsses quartos sombrios onde é refugiada a loucura, não transpira um leve murmúrio. Dir-se-ia que os pobres loucos vivem para além do plano, muito distante, de onde não vêm os seus lamentos. A coureira que reveste êsses prédios misteriosos não deixa ouvir os gritos da Desgraça, não deixa observar os espasmos dêsse farrapos humanos. Há uma cabalística especial, obediente a bases de mecânica, que não permite a mais leve exteriorização.

As portas funcionam cautelosamente, com todas as reservas, e não se abrem em todas as ocasiões. Só quando a vizinhança não pressentir, só quando houver o receio de uma descoberta. Mas se esta se der, tudo se salvará: o decreto de 11 de Maio de 1911 permite às pessoas de honorabilidade recolherem em casa alienados.

E depois as pensões rendosíssimas. Há para vários preços, além da casa dos novecentos escudos mensais. Há ainda os acréscimos, os extraordinários, exigências dos loucos, estragos causados por êstes — que as familias endinheiradas tudo pagam só para terem a certeza de que os loucos não enegrecem o horizonte da sua vida.

Lisboa misteriosa, no lusco-fusco de uma civilização bastarda, é matéria viscosa que até nos dá, nos seus aspectos clandestinos, manicómios que são miseráveis tavolagens do pano verde da loucura.

São tavolagens da roleta humana onde se joga, ganhando, a desgraça dos pobres loucos:

— E' um belo negócio! E não há perigo, desde que se consiga um médico...

FRED

A VIDA AVENTUREIRA DE HITLER

(Factos desconhecidos do passado de um homem que todos nós conhecemos... de nome)

(Continuação e remate)

A Dama Misteriosa de Mussolini e a Dama-Parda de Hitler — O casarão misterioso de Hedemannstrasse — O arsenal de guerra dos «nazhis»... ou um aerodromo subterrâneo — Os assaltos policiais — A habilidade dum ambicioso.

RESUMO DA REPORTAGEM ANTERIOR

Do elenco de «azes» da Jma mundial, Hitler é, sem dúvida o mais discutido neste momento. O «Reporter X» pretende fazer desfilar pelas suas páginas a verdade ignorada dessas vidas misteriosas, aventureiras ou tenebrosas. Começa por Hitler, revelando-o sob um aspecto em que poucos o conhecem: o do aventureiro ambicioso, que depois de ter prégado ideias anarquistas e de ter sofrido a miséria dos párias galga a celebridade política dejenando princípios antagónicos.

Húngaro de nascença, filho de uma família modestíssima, o futuro senhor da Alemanha vê-se obrigado a abraçar a profissão de pintor — pintor de portas — e a de pedreiro, para poder viver. «Meneur» das massas operárias do seu país, procura atacar as correntes políticas anti austríacas-nacionalistas — combatendo o nacionalismo austríaco e defendendo os alemães. Perseguido pela polícia, refugia-se em Munich e, ao estalar a guerra, alistase como soldado. Ferido na batalha do Somme passa uns meses nos hospitais; e ao terminar a guerra, hesita no caminho a seguir. Instado pelos conservadores, lança-se numa propaganda «prussiana», procurando atrair os descontentes das esquerdas e das direitas e as massas inactivas. Para isso folhetina-se, tornando-se num personagem de lenda... artificial, para assim seduzir o espirito infantil dos que não têm rumo político.

Um actor seu amigo colabora juntamente com ele, ensinando-lhe gestos, atitudes, aconselhando-o a espalhar boatos novelescos sobre a sua própria pessoa, o que ele executa com tal mestria que, em pouco tempo, é considerado um lugar-comum. Apesar-de tudo, a sua timidez compromete-o. Nos meetings é preciso que o belisquem para o obrigarem a falar alto, tão sumida é a sua voz. Vejamos agora como ele se entronizou na política e como organizou a sua maior força — o exército partidário-nacionalista dos «nazhis»

Hitler, húngaro, filho de pais pobres, começou também por combater o império austríaco, perflhando ideais avançados, discursando às massas o ódio aos reis, aos tiranos e aos ricos. Perseguido — fez-se operário, carpinteiro e depois pintor, mas pintor de portas e paredes. Mais tarde, havendo duas correntes político-sociais no império austro-húngaro — a nacionalista austríaca, chefiada pelos aristocratas e pelos burguezes e outros com tendências separatistas, que apenas vitoriam a Alemanha para contrariar a táctica dos adversários — escolheu esta última. Preso, acusado de desordeiro e de desinquietador de tumultos — conseguiu fugir para a Alemanha. Vem a Guerra. A fome, a desilusão obriga-o a alistar-se no exército — como voluntário, visto que era estrangeiro. Ao segundo ano da guerra é ferido na batalha do Somme. Curado, volta para o front. Feita a paz, regressa à Alemanha onde assiste à sucessão imprevista dos quadros revolucionários, ao spartakismo, ao descalabro do marco, à improvisação de partidos. Como todos os aventureiros, tem o sentido máximo de oportunidade. Toda a sua imensa ambição sem raízes encontra um terreno propício onde frutifica. Ele era um extremista da esquerda pelo

meio que o cercava, e um germanófilo pelas conveniências. Seria agora o que melhor lhe conviesse. Não havia nenhum lugar vago de chefe — nem nenhum chefe que não fosse vulgar. Lapis, papel, cálculos, percentagens; experiências químico-políticas — e, por fim, retirando tantos por cento



Hitler saindo os «nazhis»

aos comunistas descontentes, oferecendo-lhes o que eles queriam e que lhes faltava e que não ofendia os conservadores; e tantos por cento de conservadores pelo mesmo sistema — acrescentando-lhes uma imensa massa de desorientados, para a qual possuía ele um eixir infalível — a teatralidade, o folhetim, a fantochada emocionante — e eis que nasce o que é hoje a maior força política alemã — o partido nacional-socialista alemão — fundado por um húngaro internacionalista e esquerdista!

Mas há mais pontos de contacto entre Hitler e Mussolini: Existe também uma mulher misteriosa a guiar o rei dos «nazhis» — como existiu a que conduziu o Duce ao máximo poderio...

AS DUAS DAMAS MISTERIOSAS

Há uma fronteira que marca a quebra da desventura na biografia desses homens. A de Mussolini é aquela em que, depois de ter mourejado como pedreiro, de ter devorado a taça de fel, seguindo bruscamente, não à altura do sol mas a um porto favorável de onde parte depois para a ca-

valgada da vitória. Foi, nesse dia, que apareceu pela primeira vez essa misteriosa dama... Mussolini saía dum cárcere em Genebra. Duas horas depois tinha despido as roupas do operário e trajava como um estudante. E a partir de então até à marcha sobre Roma, até à resolução do problema do assassinato Mateotti, ela não o abandonou mais. Surgia; os seus lábios acercavam-se dos seus ouvidos; e a palavra, os gestos, as atitudes do Duce modificavam-se e tomavam a cor da vitória; e Hitler conheceu a sua dama misteriosa no fim da guerra, e ainda hoje é ela que o guia, que o orienta. Com uma diferença. Ninguém, nem mesmo os inimigos de Mussolini, descobriram quem é a «Dona del Vel»; os alemães algo sabem da «Die Grün-Dame». Sabem — oh! supremo paradoxo — que é judia; que o ódio raivoso de Hitler contra os judeus vem de certo divórcio que ele sofreu por ela ter partido com um irmão de fé; e que Hitler se debate num horrível embaraço porque, tendo a «Dama Parda» regressado à sua vida, lhe exige uma metamorfose no seu ataque aos israelitas — e Hitler já não lhe pode obedecer, sem graves consequências.

OS SEGRÊDOS DE HEDEMANN-STRASSE

O folhetinismo foi a rataplan que atraiu às fileiras de Hitler a maioria dos seus soldados. O exército secreto (?) de Hitler, ninguém o ignora, que faz paradas apoteóticas, que possui armas, canhões, tanks, aeroplanos. Enfileira hoje algumas centenas de milhares de homens; compunha-se, em 1922, de 6000 partidários apenas. Como cresceu assim, em tão curto espaço de tempo? Pelo mesmo sistema com que ele conta triplicá-lo em poucos meses. Um exemplo. O quartel general do partido está instalado num imenso casarão em Hedemannstrasse — Berlim. Todo ele está preparado com os décors de várias mágicas com alçações, portas falsas, ascensores secretos, numerosos subterrâneos. Esta é a única realidade, uma realidade sem objectivo revelado (e sem objectivo algum — a não ser o de epater, o de folhetinizar, o de atrair a curiosidade mórbida ou papalva). Depois é ele próprio e os seus régisseurs que propagam o boato de que o prédio está recheado de munições, granadas, canhões, metralhadoras — e não sei se tanks e aeroplanos nas suas imensas caves. O boato corre, a emoção faz vibrar a massa, o partido dilata-se, fortalece. Súbito o governo, ante a insistência do boato (a insistência provocada pelo próprio Hitler) e ante a cólera dos comunistas e conservadores é obrigado a assaltar o casarão. A polícia nada encontra e sai vexada, cheia de ridículo. E Hitler então, dando o ar da sua graça (fenómeno raro) pisca o olho para os que o cercam, murmura que está prevenido contra tudo, que conseguiu esconder o seu imenso arsenal em minutos, teclando bôtes, voltejando manivelas, e logo pela Alemanha fóra outro boato se espalha: «Hitler é um super-homem: escamoteou todo o arsenal em poucos minutos!»

E é este homem, senhores, que está prestes a governar a Alemanha, a modificar todas as correntes políticas da Europa e a perturbar a paz universal!

R. X.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

COMPANHIA N. DE NAVEGAÇÃO

Porque deixou o sr. Cardoso Leitão a presidência do Conselho de Administração?

CARTA ELUCIDATIVAS — ACTOS MAIS ELOQUENTES QUE AS PALAVRAS — UMA PROFECIA FÁCIL — NÃO DEVEM RECLAMAR OS PEQUENOS ACIONISTAS?

EM referência ao que aqui temos escrito sobre a malfadada Companhia Nacional de Navegação, não recebemos ainda uma carta ou outra qualquer indicação que nos demonstre ser menos justo o que aqui temos afirmado em defesa dos pequenos acionistas da C. N. N., que se vêm ludibriados na sua boa fé e prejudicados nos interesses. Pelo contrário, várias vezes nos tem sido dito, por alguns dos actuais e por antigos empregados daquela companhia, que temos tido razão em todas as nossas afirmações, e que tendo contado muito do que na companhia se passa, ainda não contamos tudo.

Mas, mais do que as nossas palavras, mais ainda do que esses ditos reveladores, os factos dia a dia nos vêm dando razão. Primeiro a opposição declarada e franca dos pequenos acionistas à política do sr. José Augusto Cardoso Leitão, a mais nociva aos interesses não só da Companhia, mas também aos interesses da Nação. Depois o caso do carvão que revela, pelo menos, uma má administração e o abandono completo, por parte do maior acionista, o sr. Cardoso Leitão e do seu grupo, dos interesses da Companhia, quando eles colidem os interesses próprios. Em seguida tivemos o caso, revelado no nosso último número, da venda das unidades que compõem a frota da Companhia, os casos do *Africa* e do *Pedro Gomes* e da não substituição dos que se afundam ou dos barcos, que por prestarem já muito serviço, deviam já ter sido substituídos. Agora temos o caso de começarem a amarrar os barcos da Companhia Nacional de Navegação, como sucedeu ao paquete *Nyassa*, no último domingo chegado a Lisboa.

Não é necessário ser profeta para verificar, conjugados estes factos, que uma Companhia que podia ser próspera se encontra numa situação que, pelo menos, não é a mesma em que se encontrava quando o sr. Cardoso Leitão, por motivo duma operação de bolsa mal sucedida, foi guindado às

culminâncias de director da nossa primeira companhia de navegação, lugar para o qual não tinha a mais pequena preparação, como os factos têm demonstrado.

Não têm razão, pois os pequenos acionistas de quem o sr. Cardoso Leitão foi tão acérrimo defensor? Não temos nós razão, sabendo que a Com-



José Augusto Cardoso Leitão

panhia recebe alguns milhares de contos do Estado — do Estado que somos todos nós?

Mais, muito mais, há infelizmente que dizer. Mas demos tempo ao tempo. Vai ser nomeada, segundo se diz, uma comissão de inquerito àquela Companhia. Esperemos com impaciência pelo seu julgamento, e veremos se as nossas afirmações andam afastadas da verdade.

No entanto justiça começou já a ser feita. O sr. Cardoso Leitão foi já substituído no Conselho de Administração da Companhia. Os factos continuam, pois, a dar-nos razão.

OS EGÍPCIOS, OS JUDEUS E OS PERSAS

O antigo Egipto possuía também médicos famosos, a-pesar dos sacerdotes os perseguirem porque a sciência positiva e experimental daqueles prejudicava a burla dos encantamentos com que estes exploravam a ignorância supersticiosa do povo. Ao que parece o berço de toda a medicina oriental, base da dos egípcios e inspiradora da própria medicina chinesa, foi uma elite de sábios que durante os séculos XXVI e XXV antes de Cristo prosperou na Persia de Sinyo. Foi um avô deste monarca e guerreiro famoso, homem de invulgar inteligência e liberalidade para a época, quem permitiu que o seu médico estudasse nos cadáveres, dando o exemplo no próprio testamento em que oferecia o seu corpo para que os médicos o retalhassem e praticassem nele as experiências que entendessem. Três séculos depois eram os egípcios que davam lições a todos os médicos do Oriente, sendo os primeiros a consultar o pulso do doente e a usar a auscultação. O judeu Xilfo, que muito aprendera com os egípcios, dedicou os últimos anos da sua vida a ensinar os segredos da sua sciência; e para que os discípulos se apercebessem do valor da auscultação, usava búzios, conchas, canas e outros objectos que elle

colocava ao ouvidos dos alunos, assoprando de modo a corresponder aos ruídos denunciadores de várias enfermidades. O Dr. Ransk encontrou no Siao vestígios históricos sobre a existência de um tratamento, aplicado há 2.000 anos pelos médicos nómadas judeus, graças ao qual desapareceu por completo, naquele país, uma doença contagiosa que tudo leva a crer que fosse a avariose. Tendo extinguido o mal, depressa a tradição perdeu a fórmula da cura, parecendo, contudo, que o tratamento era semelhante ao que os discípulos do chinês Lung-Wong-chamavam «colorir o sangue».

Muitas outras revelações contém o admirável livro do médico húngaro; mas estas bastam para destacar os orgulhosos do século XX que, supõem ter alcançado o *zenith* prodigioso da sciência...

Qual foi o maior mistério das grandes cidades em 1931

(Continuação da pag. 11)

duma aventura, aparentavam mais do que desgosto, porque revelavam angústia: olhos vermelhos, gestos nervosos, meras palavras cortadas pelo pudor de exhibir o pranto que a custo continham. O *chauffeur* conduziu-os a Agust-Stratte, com ordem de parar no n.º 2. A policia soube depois que Cecild habitava com a mãe, uma pobre viuva com cinco filhos, todos menores, no n.º 77. Agust-Stratte é uma ruela da antiga Cristianie, sombria, estreita e marginada de prédios arruinados. Sairam. Foi ela — e não elle — quem pagou o «taxi». O «taxi» partiu. No dia seguinte, Cecild foi censurada pelos chefes por ter entrado uma hora mais tarde no armazem. Vinha pálida, oleibenta, reservada. Por mais que fizessem, as colegas não lhe arrancavam uma palavra sobre a aventura da véspera. A's onze horas a mãe entrou afita, no armazem. Tinha ido já à policia, ao hospital, porque a filha não lhe aparecia há 24 horas. Cecild, friamente, destraidamente, segredou-lhe algo ao ouvido — e a mãe partiu. O episódio diluiu-se já na memória de todos no fim da primeira semana, quando os jornais anunciaram que o consulado espanhol, em Oslo, gratificava que denunciasse o paradeiro de Alberto St. Martin, filho mais novo do Conde Iglezias, antigo ministro de Espanha em Stokolmo e sobrinho do fidalgo português Conde da Marinha, visto que o Conde Iglezias casara com uma senhora daquela familia lusitana. O anúncio teria passado despercebido se não o illustrassem com o retrato de Albert St. Martin, que era... inofensivamente o jovem *gentleman* que acompanhara Cecild. Esta foi logo sitiada pelas colegas. Empalideceu, encolheu os ombros, e respondeu apenas: «Nunca mais o vi!» Rodaram mais semanas; e na manhã de 15 de Novembro, uma familia que habita em Agust-Stratte, n.º 71 e que estava ausente na Suécia, ao regressar á casa, é alarmada, mal abre a porta, por um cheiro de empear. Visione-se o pasmo e o terror da pobre gente, ao encontrar no seu próprio leito um cadáver esverdeado e roído pela decomposição. Vêm os detectives e, mal abrem o inquerito, estabelecem estes dois factos: primeiro — que o morto era D. Alberto St. Martin; segundo — que fora assassinado, tendo recebido duas punhaladas nas costas. O nome de Cecild não tarda em chegar aos ouvidos da policia. Mas quando esta se encaminha para casa da caixeirinha, para a prender sob uma vaga suspeita, saia a mãe, epilética de dor, porque encontrara a filha morta, no seu quarto modesto, com os pulsos golpeados. Cecild, que era a única pessoa que podia decifrar aquele enigma, desapareceu; e sem ela o mistério de Oslo, de 1931, torna-se opaco, invencível. Um único detalhe: a mãe de Cecild declarou á policia que a familia do 71 (em cujo quarto fora encontrado o cadáver do jovem espanhol) era amiga de sua filha; e que, antes de partirem para Stokolmo, tinham confiado a chave a Cecild???

(Continua)

R. X.

Uma reportagem emocionante

(Continuação da pag. 6)

dezenas de frascos e boiões contendo líquidos de todas as cores, o destinado áquele *caso clínico*, enaspava nele uma espécie de pincel — pincelando durante alguns minutos a fenda ensangüentada do golpe. Por fim, deitava umas gotas do mesmo liquido — azul, verde, vermelho — no sangue vertido, fazia, com «sangue colorido», uma espécie de papa que applicava á fenda, ligando-a a seguir. Recetia este tratamento várias vezes — até que o corpo aparecia salpicado de umas manchas da cor do remedio escolhido — vermelho, azul, verde... Era este o sinal do êxito do tratamento. Cliente e médico podiam descansar: o ameaço estava debelado, o figado hipertrofiado regressava á normalidade, os pulmões... aguados — tinham... desaparecido! Que componentes químicos entravam nesses remedios? Qual era a sua acção no sangue? Ignora-se — e os próprios herdeiros actuais de Lung-Wong nada sabem dizer a tal respeito.

R
N.º
18892
Cathartes (Lisboa)
Modelo n.º 40
PORTUGAL



DePURAToL

SOBERANO
REMEDIO DA
SIFILIS



**TUBO
10\$00**

Aprovado
no estrangeiro
por Juntas de Saude
Registado em numerosos paizes

**Sem dieta
nem resguardo**